



REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 42 – Dezembro / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

DEZEMBRO / 2020

TEOLOGIA, ETICIDADE E RELIGIÃO EM PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO

Dr. Reinaldo Arruda Pereira

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON LINE)
DEZEMBRO / 2020

TEOLOGIA, ETICIDADE E RELIGIÃO EM PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO

Teology, Ethics and Religion in the Privatization Process

Dr. Reinaldo Arruda Pereira¹

1 Doutor em Ciências da Religião e Mestre em Educação. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Filosofia para o Pensar. Graduado em Teologia, Filosofia e Pedagogia. Atualmente faz o curso de Bacharel em Psicologia, na PUC-Minas, no último período. Ministra aulas no Programa de Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR, como professor convidado. E-mail: reinaldoarrudapereira@yahoo.com.br

RESUMO

A sociedade brasileira enfrenta um processo de transformação que até pouco tempo era impensado e inimaginável. O resultado desta metamorfose societária se faz sentir em múltiplos contextos, em várias áreas de atuação humana, em diferentes condições existenciais e na mais significativa simbologia religiosa. Essa mutação afeta a religião e a ética, as quais vem se deslocando do âmbito da coletividade para a dimensão pessoal, intimista e privativa. Considerando esta conjuntura modificacional, o objetivo deste trabalho é analisar, pelo prisma da teologia, a relação entre ética, religiosidade e privatização religiosa. Para tanto, tem-se como ponto de partida a conexão entre a lógica do capitalismo e da mercadorização com o individualismo, o consumo e o consumismo. É, portanto, a partir dessa conexão e dessa lógica que se compreende os desdobramentos que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, na religião, na vivência da fé e no nosso jeito de ser, pensar, sentir e viver. Diferentemente disso, faz-se necessário eliminar da religião e, sobretudo, da teologia sua sujeição ao capitalismo, reiterar e renovar sua fundamentação na Bíblia, na Cristologia e no Reino de Deus.

Palavras-chave: Teologia. Eticidade. Individualismo. Privatização.

ABSTRACT

The Brazilian society faces a transformation process that until recently it was unthinkable and unimaginable. The result of this societal metamorphosis is felt in multiple contexts, in various areas of human performance, in different existential conditions and in the most significant religious symbolism. This mutation affects religion and ethics, which have been dislocation in the sphere of collectivity to the personal intimate and private dimen-

sion. Considering this changing conjuncture, the objective of this article is to analyze, from the perspective of Theology, the relationship between ethics, religiosity and religious privatization. For this, the starting point the connection between the logic of capitalism and commodification with individualism, consumption and consumerism. It is, therefore, from this connection and logic that one understands the developments that have been occurring in contemporary society, in religion, in experience of faith and in our way of being, thinking, feeling and living. Unlike this, it is necessary to eliminate from religion, and, above all, from Theology, its subjection to Capitalism, and to reiterate and renew its biblical foundation in the Bible, in Christology and God’s Kingdom.

Keywords: Theology. Ethics. Individualism. Privatization.

INTRODUÇÃO

290

É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento” ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser (Emmanuel Levinas).

O tema deste artigo, bem como cada uma de suas partes, mantém vinculação com a história do cristianismo e seus desdobramentos históricos. O cristianismo, lá a sua origem, devido à influência da filosofia helenista², foi afeito ao indivíduo e ao individualismo. A respeito dessa influência, Dumond, citando Troeltsch³ afirma: “O mundo helenístico estava tão impregnado desta concepção, que o cristianismo não teria podido triunfar, a longo prazo, nesse meio, se tivesse oferecido um individualismo de tipo diferente”⁴.

2 A filosofia helenística atuava com um individualismo extramundano, universalista e de caráter transcendental.

3 TROELTSCH, Ernst. **Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen: Der Protestantismus**. Michigan: Scientia, 1961.

4 DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 39.

Essa afeição do cristianismo pelo indivíduo e individualismo, é ampliada na modernidade, especialmente com o advento da Reforma Protestante. Essa ampliação se deu, sobretudo, segundo Azevedo, pela segurança e certeza individuais que o cristianismo, em sua vertente protestante oferecia e oferece.⁵ Na Reforma, nenhuma mediação existia entre o “indivíduo convertido” e Deus, a não ser sua própria fé individual. É inegável, nesse sentido, a capacidade do cristianismo e do protestantismo em promover o individualismo entre seus seguidores.

Devido a esta ênfase do cristianismo e do protestantismo e, principalmente, a mudança radical que a mesma sofreu nos últimos tempos, tivemos de tomar duas importantes decisões. A primeira decisão diz respeito à temática proposta – Teologia, eticidade e religião em processo de privatização – que é tanto pertinente ao protestantismo, quanto à lógica que o cativa. Por isso, este tema, a partir dos três conceitos que o constituem ou mesmo de qualquer uma de suas partes, é fundamental para entendermos os desdobramentos que vêm ocorrendo na religião, na sociedade, na vivência da fé e no nosso modo de viver contemporâneo. É isso mesmo, o tema nos ajuda a compreender o destino do ser humano, da humanidade, e o que está acontecendo com a sociedade e com as nossas vidas.

Em outra perspectiva, a temática –Teologia, eticidade e religião em processo de privatização - dá a abertura para reafirmamos os valores fundamentais da vida. A conformidade do tema com a Bíblia, a Palavra de Deus, nos ajuda a deciframos com sabedoria o que é “bom e o que é mal”, e amparado pela Graça divina, a vivermos uma vida melhor. Para tanto, não podemos nos render e muito menos nos ajoelharmos diante da lógica capitalista, mercadológica e consumista, que solapa toda e qualquer tentativa de vivência da ética, tanto quanto dos valores cristãos.

A segunda decisão que tomamos refere-se à epígrafe co-

5 AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 30.

locada antes da introdução e, que é uma frase de Emmanuel Lévinas, retirada do livro *“Entre nós: ensaios sobre a alteridade”*. Esclarecemos que a colocação desta epígrafe foi intencional e serve ao propósito desta reflexão, pois, na contramão do capitalismo, afirmamos a Teologia do Reino de Deus. De outro modo, seu conteúdo tem a ver com a ética, a “transcendência” e, especialmente, com o jeito que estamos construindo nossa relação com o mundo das coisas e com as coisas do mundo.

Na sociedade contemporânea, cujo mote é a mercadorização de todas as coisas, a fé, a religião, as pessoas e as relações humano-sociais são também transformadas em mercadorias. É a lógica da mercadoria e do consumo em sua sintonia com o império do indivíduo e do individualismo e com um sistema perverso, absolutamente pecaminoso. Essa lógica atravessa nossa identidade, nosso jeito de pensar, ser, viver, relacionar com Deus e também de cultivar.

292

Assim, na contemporaneidade em que praticamente tudo se torna provisório, fluído e líquido, imediato e veloz, como afirma Bauman, a reflexão a respeito da Teologia, ética e privatização religiosa faz-se necessária. A teologia e a eticidade tomam frente em nossa discussão porque ambas podem oferecer valores e estratégias para o bem-viver, independentemente do capitalismo, do mercado religioso e do vigor exacerbado do consumo e do individualismo.⁶

Nesta empreitada reflexiva, colocamos em discussão e análise três importantes subtemas: 1. Teologia, ética e religiosidade. 2. Sociedade, individualismo e “transcendência imediatista”. 3. Religião, consumo e privatização religiosa. Cada um desses subtemas, por fazer parte da nossa condição existencial, sociocultural e religiosa, propõe a todos nós um desafio, um convite e um apelo.

O desafio proposto é para enfrentarmos a crise do indi-

6 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 12-13.

víduo e da sociedade, que nada mais é do que uma crise ética, segundo Horkheimer, o que reflete no sentido da vida.⁷ O convite é para buscarmos orientação nos fundamentos da fé, os quais nos apresentam referenciais para vivermos bem e conduzirmos melhor a nossa vida. O apelo é para sermos sensíveis à voz do Deus da Bíblia e não à multiplicidade de vozes do “deus mercado”. O apelo é para acolhermos uma teologia que tenha reciprocidade com Reino de Deus e com a vida que pulsa potencialmente dentro de cada um de nós.

1. TEOLOGIA, ÉTICA E RELIGIOSIDADE

Teologia, ética e religiosidade são termos centrais para a compreensão da religião, da sociedade e do funcionamento de alguns grupos sociais, porque tratam daquilo que nos é mais sagrado: a vida. São também conceitos teórico-práticos que historicamente carregam grande complexidade. É na contemporaneidade, no entanto, que a complexidade destes termos é ampliada e aumentada, o que os torna ainda mais problemáticos e complicados.

Teologia, ética e religiosidade comportam uma certa complicação e “embaraço” porque dizem respeito a Deus, a nós mesmos, aos outros e a uma forma específica de ver, pensar, perceber e sentir. Ajuntar essas três expressões num mesmo plano de discussão e reflexão não diminui a complexidade que carregam.

Aliás, só aumenta! Até porque teologia e ética, ao longo da história, tiveram como pressuposto a universalidade, o que as difere da religiosidade, que é “particular” e de cunho individual. “O que é individual é a religiosidade, como forma particular de participar e experimentar a religião pré-constituída e supraindividual”⁸. Mas, a religiosidade brasileira contemporânea, por sua característica

7 HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002, p. 136.

8 SILVA, Eliane Moura da. Introdução – Religião: da fenomenologia à história. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira. (Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p. 14.

pluralística, “festiva e carnal”, é vivida tanto na esfera pública e coletiva, quanto sentida na solidão do foro íntimo.

Nesse sentido, lidar com teologia, ética e religiosidade juntos, e com cada um em separado, tem muito mais a ver com a arena em que se alojam o problema entre sociedade, indivíduo, coletividade e individualismo. Nessa perspectiva, o individualismo em suas múltiplas formas e modos, especialmente, o religioso, segundo Hervieu-Léger, caracteriza-se pela tônica que coloca na realização pessoal do indivíduo como eixo central e prioritário.⁹

Mas, não é só isso! Teologia, ética e religiosidade, em sua relação direta com os processos societários contemporâneos, de fato, fazem parte das diferentes lutas entre o privado-coletivo, particular-universal e o individual-grupal. Esses são os polos da mutação que envolvem teologia, ética e religiosidade na nossa sociedade. E eles contribuem para a priorização de aspectos intimistas, individualizados e individualizantes de diferentes práticas e vivências, principalmente daquelas de caráter substantivo.

Podemos salientar, nessa direção, que temas, assuntos e/ou vivências e práticas substantivas são e fazem pauta da teologia, da ética e da religiosidade: o que é uma boa vida? Como o ser humano pode orientar sua vida? O ideal de coletividade não se sucumbe com o individualismo excessivo? É possível ser íntegro numa sociedade que se pauta no lucro? A religião e a religiosidade, com sua teologia e valores, reforçam a lógica do ser ou do ter? Existe ética sem liberdade e liberdade sem ética?

Essas questões, bem como quaisquer práticas e vivências que delas podem surgir, numa sociedade em que prevalece a lógica do individualismo, prioritariamente são respondidas e orientadas “pelo indivíduo e não pelo coletivo”.¹⁰ Por esse viés, nos diversos processos societários, predomina o modo de vida

9 HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 145.

10 GRANDER, E. **The last conceptual revolution**: a critique of Richard Rorty's Political Philosophy. New York: State University of New York Press, 1998, p. 11.

utilitarista, subjetivista e pragmático-individualista. Com essa cosmovisão, a ética e a religiosidade passam a ser sustentadas por um tipo de teologia que não é bíblica e que está subordinada ao fator econômico, ao mercado e ao capital.

Esse modo de viver, demarca e delimita o sentido da vida, da existência, da autopreservação e da sobrevivência de cada um de nós, seres humanos. Como tal, exerce domínio sobre nosso posicionamento ético, crenças, religiosidade, pensamento teológico-religioso e pertencas religiosas. Esses processos, no seu todo, estão relacionados ao indivíduo e, segundo Horkheimer, são sintomáticos da crise atual do indivíduo e sua fragmentação.¹¹

A crise do indivíduo é a manifestação da crise da própria razão humana. [...] Quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo com as coisas, mais as coisas dominarão, mais lhe faltarão os traços individuais genuínos, e mais a sua mente se transformará num autômato da razão formalizada.¹²

No contexto de crise do indivíduo e de sua fragmentação, que também fazem parte colapso da razão e da sociedade, a teologia, a ética e a religiosidade são, de certa maneira, bajuladoras e subservientes ao capital, mercado e individualismo. Com isso, passam a atuar a partir de uma racionalidade e uma lógica mais instrumental e menos substantiva, que leva a uma “despersonalização” do ser humano, pois opera com a lógica econômica.

A racionalidade instrumental, com viés economicista e mercadológico, tem uma natureza específica, que é a de servidão ao capitalismo. Essa racionalidade tem se sustentado pela lógica industrial, e segundo Mannheim, submete os seres humanos e as pessoas a “critérios funcionais”, legitimados pela ciência, economia, mercado e consumismo.¹³

Com a lógica instrumental, tem-se o “excesso” de produtos

11 HORKHEIMER, 2002, p. 136.

12 HORKHEIMER, 2002, p. 134-135.

13 MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 63-64.

de consumo, o “exagero” de consumismo, o desejo irrefreável de possuir de bens e riqueza e uma busca incontida dos indivíduos pelo prazer e “bem-estar”. Nessa perspectiva, o indivíduo contemporâneo, operador de uma lógica instrumental, “...não tem referências, vive num grande vazio moral, não é feliz, embora tenha materialmente quase tudo...”¹⁴

É, portanto, nesse quadro de crise societária, humana e de fragmentação dos indivíduos que se deve afirmar a relevância da teologia, da ética e da religião, sendo esta última associada ao *religare, ligar-se a Deus*. Cada uma delas terá importância, sobretudo, se conseguir, como é de sua natureza, “decifrar” os “danos e malefícios” da época em que vivemos, enfrentar o mal-estar e as exasperações provocadas na vida. Além disso, teologia, ética e religiosidade devem propor valores cristãos humanizadores e não se deixar sucumbir no individualismo exacerbado, que é pensado por Tocqueville (2009), como “o *excesso de ser*”.

296

Essa expressão, “o *excesso de ser*”, de Tocqueville, vem caracterizando o indivíduo, estabelecendo de modo fidedigno, contundente e favorável o cultivo de comportamentos e atitudes individualista. Assim, “o *excesso de ser*”, manifesta-se narcisicamente, na forma de “...um amor apaixonado e exagerado, que leva o homem a referir tudo a si mesmo e a se preferir a tudo o mais”.¹⁵

Esse é o drama da teologia, da ética e da religiosidade, pois, “o *excesso de ser*” aponta para a emergência de indivíduos tanto relativistas, quanto antissociais”, indiferente aos outros e completamente isolados de seu próximo e semelhantes. Na perspectiva assinalada, antes de tudo, a teologia deve ter uma palavra profética e de esperança para o ser humano e todo o cosmos, asseverando o primado de Deus e do Evangelho sobre todas as coisas.

14 ROJAS, Enrique. **O homem moderno**: a luta contra o vazio. Curitiba: Chain, 2013, p. 11.

15 TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: sentimentos e opiniões – de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Vol. 2, p. 132.

2. SOCIEDADE, INDIVIDUALISMO E “TRANSCENDÊNCIA IMEDIATISTA”¹⁶

A sociedade e o modo de viver contemporâneos estão em transformação permanente. Considerando o processo mutacional em que nos encontramos, Ferry (2012) faz uma abordagem a respeito do sentido da vida a partir de dois instigantes posicionamentos. O primeiro é que o universo democrático é fruto de uma ruptura com a religião. O segundo, é a necessidade de suprimirmos um equívoco “...na equação – onipotência do ego = individualismo narcísico = fim da espiritualidade e da transcendência...”¹⁷

Esses dois posicionamentos, no entanto, não se dão em separado das transformações que vem ocorrendo, desde o Iluminismo, na sociedade contemporânea. E estas transformações científicas, tecnológicas, ideológicas, religiosas, culturais, políticas e, principalmente, as capitalistas-mercantilistas interferiram e interferem não só na vida humana, mas também nas crenças, nas práticas religiosas e na força das religiões.

Destaca-se que os posicionamentos de Ferry não tiveram um tom pessimista e negativista a respeito da religião e da transcendência. Não, não é isso! O que se ressalta é que as transformações operadas na sociedade, nos modos de vida e até na reflexão teológico-religiosa fizeram com que a religião e a ideia de transcendência fossem reconfiguradas, alteradas e modificadas. Assim, pela primeira vez na história da cultura ocidental, segundo Ferry, a religião e espiritualidade autêntica têm suas raízes no homem e não em uma representação dogmática da divindade.¹⁸

Na perspectiva de Ferry, a ruptura com a religião é muito mais uma anulação da aliança existente do que a sua exclusão

16 Transcendência imediatista diz respeito a uma forma de viver contemporânea em que se nega a teonomia e invalida o reconhecimento do Transcendente, ou seja, do Deus da Bíblia, que é tanto presente na vida, quanto é separado/distinto do mundo. Assim, afirma-se com essa expressão um outro tipo de “deus”, algo que é capaz de se constituir como fundamento e sentido para o ser humano.

17 FERRY, Luc. **O homem Deus ou o sentido da vida**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012, p. 32-38.

18 FERRY, 2012, p. 38.

ou eliminação completa da sociedade. No Brasil, especialmente, num quadro histórico em que se pensa “pós-moderno”¹⁹ e secularizado, isto é, liberto da opressão e do “ópio” da religião, explode-se com intensidade e revigorada força a “sedução da religião, do Sagrado e do Divino.

Por isso é que há a necessidade de suprimir o equívoco de que o individualismo exacerbado decretaria o fim da religião e da transcendência em nossa sociedade. O que há, de fato, em ambos os posicionamentos é que religião e transcendência assumiram um “tom” pessoal, individualista, privatizado, intimista. Nesse aspecto, é a partir dessa ruptura e deste equívoco citados que afirmamos a existência de uma religião “circulatória”²⁰, híbrida, “apressada” e uma “transcendência imediatista”, cujo foco é ser feliz no aqui e no agora.

A “transcendência imediatista” é sinônimo de felicidade. Mas não aquela preceituada por Jesus, o Filho de Deus no Sermão do Monte (Mt 5.3-12). Sendo assim, nesse tipo de transcendência, ser feliz é a prioridade máxima, porque a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como equivalente autêntico da vida com Deus e da salvação. A fé passa a ser centrada em ser feliz neste exato momento e “...a felicidade não é mais pensada como um futuro maravilhoso, mas como presente radiante, gozo imediato sempre renovado, ‘utopia materializada’ da abundância”²¹.

Nessa condição, a religião e a transcendência não deixam de existir, apenas são alteradas, adequando-se ao contexto e ao jeito de ser e de viver da sociedade contemporânea. Em outras palavras, enfatizamos que as transformações processadas na so-

19 Não há consenso entre os estudiosos a respeito do conceito “pós-moderno”. Por ser um termo paradoxal e um dos mais discutidos, e ainda indefinido, é prudente, como fizemos, deixamos o mesmo entre aspas.

20 Essas expressões reforçam a ideia de que a religião e o campo religioso brasileiro são marcados por uma intensa circulação de pessoas, em que prevalece o “trânsito religioso” e a circulação de fiéis pelas igreja e segmentos religiosos.

21 LIPOVESTKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 335.

cidade e nos modos de vida, ocasionaram a reconfiguração da ideia de transcendência, tornando-a imediatista.

Neste tipo de transcendência, que é de natureza imediatista, despreza-se o dado *a priori* e qualquer fundamento transcendente absoluto que conduzam o agir e o jeito de viver humanos aqui no mundo. Ignorar-se o dado *a priori* e qualquer fundamento transcendente equivale-se a rejeitar o “Deus Bíblico e cristão”, o que em nossa concepção está em sintonia com a “transcendência imediatista” que vigora na sociedade contemporânea.

Neste contexto, a religião, de certa forma, é cooptada pelo mercantilismo, consumo e prazer, contribuindo para o estabelecimento deste tipo novo de “transcendência”, cujo qualificativo é “imediatista”. Na sociedade contemporânea, mesmo que existam espiritualidades plurais, práticas religiosas diversificadas e “bricolagem de crenças” para usar o conceito de Hervieu-Léger (2008), o pensamento pós-metafísico e pós-cristão, segundo Ferreira, caracteriza o nosso jeito de viver e de agir.²²

Nossa subjetividade virou de ponta-cabeça, como afirma Birman (2012), e o improvável é o que mais acontece, subvertendo-nos e nos fazendo vacilar em nossas certezas.²³ Na verdade, esse jeito de viver e de agir de cada um de nós, somado às intensas e extensas mudanças da sociedade, possibilitaram a criação de uma atitude bastante peculiar: a alergia a toda e qualquer noção de transcendência. Há, portanto, uma alergia e uma hipersensibilidade à verdade durável, absoluta, e cujo caráter seja sobrenatural ou extramundano.

Num célebre aforismo, Nietzsche classifica este fato como a morte de Deus, e que inexistem boas razões e bons motivos para se acreditar em Deus. Tendo em vista a afirmação de que “Deus morreu” e que a transcendência além-mundo é improvável

22 FERREIRA, Vicente de Paula. **Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2017, p. 16.

23 BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

vel, o modelo que define a verdade está situado aqui mesmo, no mundo e em nós mesmos.²⁴ Assim, como atesta Ferry, a verdade está na absoluta certeza da presença, para si, de si mesmo.²⁵

Este tipo de compreensão em que se coloca o eu como autoridade suprema é parte inerente da virada cultural, filosófica e epistemológica operada na sociedade. Nessa perspectiva, o eu egoístico, com sua onipotência, torna-se o referente principal que define e estabelece a verdade, a ponto de abdicar do sobrenatural, de sua verdade e validade. Transforma a “transcendência”²⁶, aquela absoluta e extraterrena, numa “transcendência imediatista”, que nada mais é do que a pura “imanência” revestida de individualismo.

Com essa cosmovisão, que é, ao mesmo tempo, imediatista e pura imanência, o ser humano que é projeto infinito e de infinitude, se restringe a projetos finitos e à imediatez da vida. Em outras palavras, o guia da ação e da conduta humanas encontra-se na imanência e não mais na transcendência, nem no poder sobrenatural e nem mesmo num “ser” divino auto existente.

Abdica-se, com isso, de todo e qualquer mistério, poder sobrenatural e transcendência extramundana. Esse tipo de compreensão, segundo Boff (2000), “faz nascer” um mundo sem Deus e um Deus que não se importa mais com o mundo. Na sociedade, mesmo com a abertura para diferentes discussões teológicas e ampliação diversificada das espiritualidades, a alergia à ideia de transcendência é proporcional às experiências religiosas multifacetadas.²⁷

Com a legitimação dessa “transcendência imediatista”, o que passa a vigorar no cotidiano é, por um lado, a busca de

24 NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 147-148.

25 FERRY, 2012, p. 40.

26 A transcendência em seu aspecto clássico tem uma significação literal que indica um “subir para além de si mesmo”. O termo, trata-se, em referência ao ser humano de uma transgressão de limites, de um ir além, de uma incapacidade de contenção no imanente (in-manens, o que permanece dentro).

27 BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

resposta na racionalidade humana. Impera-se a razão tecnocientífica, o individualismo e o pragmatismo com suas respostas temporais e estritamente provisórias, dissociadas de uma sabedoria permanente e atemporal. Por outro lado, valida-se “divinização do eu”, a individualização da espiritualidade e a sacralização do aqui e do agora em todas as suas formas de vida individualista: fragmentação do eu, consumismo excessivo, ostentação, felicidade e prazer passageiro e imediato.

O sujeito contemporâneo, inseguro de seu próprio valor, movimentando-se em terrenos fluidos nos quais as perspectivas éticas nem sempre são claras. (...) o excesso de um sujeito centrado em si, nos ideais de um corpo estético manipulado pela mídia, em função do mercado, distorce as relações do homem consigo mesmo, com o semelhante e com a realidade e com Deus.²⁸

A validação da “transcendência imediatista” não é só uma redução e um enfraquecimento da ideia de transcendência extramundana, “sagrada” e “sobrenatural”. É, na verdade, a transmutação da transcendência na “mundanidade” e na imanência, pois se retira da vivência cotidiana princípios e valores vinculados à ideia de absoluto, sobrenatural e extraterreno. Portanto, se existe algo que orienta a ação e a vida humana, seu fundamento não é atemporal, ao contrário, é temporal, imanente-presente, imediatista, “mundano”.

É nessa perspectiva que se faz uso da expressão “transcendência imediatista”. Assim, com esse termo pretende-se afirmar a ausência da ideia de transcendência no seu sentido clássico, bem como sua rejeição como constitutiva do ser humano. Na prática, isso significa a existência de um mundo, de um jeito de viver e de um sentido da vida dissociado da ideia de “*axíós*” e, por isso mesmo, imediatistas e sem espaço para os referenciais absolutos ligados à noção de transcendência extraterrena.

A “transcendência imediatista”, por equivaler-se a uma pura,

28 FERREIRA, 2017, p. 28-29.

única e rotineira imanência, o ser humano passa a viver enquadrado num vazio espiritual e existencial. É como se a vida com sua utopia e seus horizontes existenciais se reduzisse somente no aqui e no agora. A “transcendência imediatista” pode ser pensada como um “adoecimento” da verdadeira transcendência, e deve, na concepção de Boff, ser chamada de “pseudotranscendência”.

Assim há uma doença da transcendência, que chamaria de pseudotranscendência. É aquela que se apresenta como transcendência, mas que, na verdade, é sua distorção. Esta é produzida artificialmente pelo marketing comercial, pelo showbiz e por todo tipo de entretenimento de massa.²⁹

Essa transcendência imediatista, que é pseudotranscendência na concepção de Boff, está associada à forma de viver individualista, narcisista e consumista do ser humano e da sociedade. Por isso, essa transcendência encontra sua força no apogeu da variedade de mercadorias para consumo. Qualquer objeto de consumo, mas, principalmente, a mercadoria, segundo Baudrillard, ao mesmo tempo que assume um estatuto miraculoso, se reveste de “simulacros e simulações”.³⁰

De fato, é isso que estamos vivenciando, e vivenciamos por causa do domínio do individualismo, da transcendência imediatista, do consumo e do consumismo. Em nosso tempo e contexto, o cliente, o consumidor, e não mais o produtor, como afirma Queiroz, é o “rei”, cujo dogma é servir ao “deus mercado”, e cuja missão é consumir para ter prazer e ser feliz.³¹ Além da negação de uma transcendência de caráter sobrenatural, há também a fragilização do sagrado tradicional, segundo Schweriner, que abre espaço para que os indivíduos encontrem nas mercadorias a felicidade e os significados espirituais.³²

29 BOFF, 2000, p. 32.

30 BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992, p. 11 e 12.

31 QUEIROZ, José J. O consumo e a dinâmica do efêmero. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo: relações e discernimentos**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 42.

32 SCHWERINER, Mário E. René. **O consumismo e a dimensão espiritual das marcas: uma análise crítica**. São Bernardo do Campo, 2008, p. 92.

3. RELIGIÃO, CONSUMO E PRIVATIZAÇÃO

A sociedade contemporânea está se desenvolvendo num encaixe eficiente entre economia, mercado, religião e consumo. Nessa lógica da eficiência, que é de natureza capitalista e mercadológica, começa a prevalecer o que é efêmero, momentâneo, descartável, hedonístico e de curta duração na vida de cada um de nós. É o império do capital e do produto, e mais especialmente, da mercadoria e seu consumo, e isto até mesmo na religião, a partir de uma prática particular, privatizada e individualista.

Nesse contexto societário atual, é praticamente impossível separar religião, consumo e privatização religiosa³³. Estes, de certa forma, representam a fórmula liberal e “pós-moderna da liberdade”. Acrescenta-se, nessa direção, que a liberdade, em qualquer contexto e situação, é a peça-chave, conforme Rojas, para a compreensão do ser humano e de tudo que ele aspira. A liberdade é a peça-chave porque ela é construída junto, na tessitura com a verdade, a qual é criada ou inventada pelo próprio indivíduo.³⁴

Na sociedade de consumo, como a que vivemos, a dependência universal das compras, é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual. Nesse sentido, confirma-se dia-a-dia, conforme assinala Kehl, a filosofia do consumo que representa uma bíblia do bem-estar do indivíduo.³⁵

A liberdade, por esse viés, é claramente ilusória, centrada e reduzida entre um e outro produto que é desejado, adquirido e consumido pelo indivíduo. Nessa perspectiva, a liberdade reforça a ideia de uma religiosidade privatizada, que, com o seu potencial, segundo Maffesoli, é vista como capaz de livrar o indi-

33 A expressão “processo de privatização” tem a ver com o ato de privatizar. Vale dizer que o termo aqui usado diz respeito a relegar ao âmbito da esfera privada e individual os discursos e razões oriundas e fundamentadas na religião.

34 ROJAS, 2013 p. 23-24.

35 KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: **Um outro olhar. Revista de debates do vereador Arnald Godoy (PT)**. Ano V, N°4, Belo Horizonte, novembro de 2007, p. 46.

víduo dos “fardos metafísicos” que carrega.³⁶

Já que é impossível separar religião, consumo e privatização religiosa, é necessário afirmar a sua interdependência, o que ocorre também no âmbito acadêmico. Assim, a junção entre religião, consumo e privatização religiosa na esfera acadêmica, pode ser considerada, segundo Feitosa, não só como um fato, mas também como uma norma. Isso significa que tanto o consumo, quanto a privatização religiosa estão situados entre dois campos: o do mercado e o da fé.³⁷

Todo esse processo societário de hegemonia do capitalismo, da mercadorização e do consumo, na atualidade, se relaciona com a religião e a fé, e influencia o nosso jeito de ser, existir, viver, cultivar e praticar a religiosidade. Isso sinaliza, de um lado, para a globalização do mercado e do consumo. De outro, para a religião e, principalmente, para igrejas globalizadas. Nesse cenário, o espírito do capitalismo que é mundial, segundo Pace, influencia e impulsiona igrejas e denominações religiosas ao livre mercado do consumo dos diferentes tipos de fé.³⁸

O que se quer enfatizar é que sob a forma atual do capitalismo, nos submetemos a um modo de vida de consenso, inquestionável aos valores do mercado. Aprendemos a consumir antes de aprendermos a cultivar e desaprendemos a controlar nosso desejo de comprar e consumir bens supérfluos. O ato de comprar produtos ou serviços sem a mínima necessidade e “consciência”, revela-se numa verdadeira obsessão à aquisição e ao consumo.

Essa obsessão tem a ver com o aspecto psicológico. Nessa perspectiva, o consumo torna-se uma das atividades que proporciona prazer, pois, pode oferecer a sensação de “estarmos supridos”. Esta sensação nos comunica que, ao comprarmos e

36 MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre, Sulina, 2007, p. 205 e 238.

37 FEITOSA, Darlyson. A autoridade do texto bíblico e a privatização da religião: implicações na perspectiva urbana. In: **Fragmentos de cultura**. Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas. PUC-Go, Goiânia, v. 19, n. 1/2, p. 147-159, jan./fev. 2009, p. 147.

38 PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 39.

consumirmos uma coisa ou objeto, nossas necessidades foram atendidas e desfrutamos o sentimento de “plenitude”. Mas, não é só isso! O consumo tem a ver com a vaidade (ficamos mais bonitos e interessantes) e com a eliminação do sentimento de angústia de que algo está nos “faltando”.

O consumo supérfluo e compulsivo, seja de produtos, objetos e bens simbólicos privatizados, é parte de um sistema mercadológico, segundo Marcuse, que visa criar uma sociedade unidimensional. Esta sociedade, por sua vez, é aquela que adota um modo vida condizente com o capitalismo vigente, e que está completa e totalmente envolvida na produção, na mercadorização e no consumo de bens que não necessitamos.³⁹

Nessa direção, é preciso ressaltar que a experiência social de consumidor antecede a vivência religiosa de consumidor, seja da “fé”, seja de serviços religiosos. Portanto, o consumo começa cedo. Inicia-se na primeira fase da vida com os brinquedos, moda, turismo, cinema, tecnologias, perfumes, redes sociais, ídolos, etc.

O desejo irresistível de comprar e os ‘bons negócios’ substituíram a troca cerimonial recíproca. O tempo sagrado e ritual das festas sucede o tempo acumulativo, permanente do consumo. [...] O esnobismo, o desejo de parecer rico, o gosto de brilhar, a busca da distinção social pelos signos demonstrativos, tudo isso está longe de ter sido enterrado pelos últimos desenvolvimentos da cultura democrática e mercantil.⁴⁰

Nessa perspectiva, religião, consumo e privatização religiosa na contemporaneidade, sintetizam a maneira como o indivíduo, religioso ou não-religioso, vive e se relaciona com Deus, com a religião e a fé.

O consumo, tomado numa perspectiva ético-cristão, se coloca sob a responsabilidade do cidadão

39 MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015, p. 20-25.

40 LIPOVESTKY, Gilles. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005, p. 46 e 51.

que deve considerar tudo aquilo que dignifica a vida e reagir ao que contribui para a degradação humana. Mas, neste mercado de indivíduos, narcisista, do lucro, luxo e lixo, a fé é tomada como uma mercadoria a ser negociada. A fé em Deus, muitas vezes trocada pela fé nas próprias convicções, onde o “eu” torna-se o centro da prosperidade, não deve ser entendida como um objeto de troca ou de compra e venda.⁴¹

O fiel, o “cristão”, antes de ser um religioso é também um consumidor e, como tal, precisa de corporações, que são “microempresas eclesiais”, conforme Cavalcanti, para oferecer produtos e serviços que lhe satisfaçam e atendam seus desejos e interesses particulares. Por esse viés, o que está acontecendo é que lojas especializadas, e muitas vezes ligadas a Igrejas e pastores-missionários, buscam diversificar seus “produtos” e atingir o maior número fiéis, que são seus clientes.⁴²

Sob a égide do consumo e, principalmente, do consumo compulsivo, o ser humano tornou-se também efêmero, fragmentado, supérfluo, privatizado e “virtualizado”. Esse ser humano, de acordo Queiroz, perdeu a capacidade crítica, se curvou ao mercado, aceitou que o consumo se transformasse numa tese absoluta e, por causa disso, não percebe as consequências funestas para sua vida, a humanidade, o próximo e a sociedade.⁴³

O indivíduo impactado pelo mercado, consumo, mercadoria e pela reificação, apega-se a uma religião privatizada, intimista e que sacraliza o que é temporal e dessacraliza o atemporal. “... no império do valor de uso, não nos ligamos mais às coisas, muda-se facilmente de casa, de carro, de mobiliário; a era que sacraliza socialmente as mercadorias é aquela na qual nos

41 SOUZA, José Neivaldo de. O essencial e o supérfluo na perspectiva de Lucas 7,38-50. In: **Teocomunicação**. Revista da Teologia da PUCRS. Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 65-73, janeiro-junho 2017, p. 67.

42 CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo**: desafios a uma fé engajada. Viçosa: Ultimato, 2001, p. 21.

43 QUEIROZ, 2012, p. 38.

separamos sem dor de nossos objetos”.⁴⁴ O resultado disto é a cultura do desperdício, da substituição e do descarte de objetos, coisas e até de pessoas e símbolos religiosos.

No contexto de uma “sociedade unidimensional”, marcada pela lógica capitalista, por assumir um caráter privatizado, interesseiro e particular, a religião e a fé passam a valer muito mais: a) pelo seu valor de uso e pelo seu valor de troca; b) pelo consumo que provocam e estimulam; c) pelo prestígio, *status* e posição social que conferem, e, d) pelos resultados que produzem.

Nesta sociedade, o ser humano tornou-se indivíduo, mas, ao mesmo tempo, foi se transformando num sujeito individualista, consumista, privatizado. Tornou-se alguém que é engolfado por uma existência alienada, solitária, angustiada e indiferente: seu trabalho, suas roupas, seus carros, seu estilo de vida são as coisas com as quais ele se identifica imediatamente; o indivíduo é seu carro, ele se enxerga em suas roupas, ele vê sua alma em seu apartamento e nos passeios e viagens divertidas que realiza.

Tudo isso é inerente ao jeito de ser e de viver pós-moderno e à cultura de consumo. Como tal, é parte integrante da religião e da religiosidade privatizada. Nesse aspecto, vale a afirmação de Abumanssur:

O consumo é filho direto de uma ordem social que transforma qualquer coisa em mercadoria: objetos, afetos, pessoas e também, porque não, a religião. [...] Ainda que a religião não sirva para muita coisa mais, o seu valor só faz aumentar por conta de sua transformação em mercadoria.⁴⁵

44 LIPOVESTKY, Gilles. **Império do efêmero**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2009, p. 175.

45 ABUMANSUR, Edin Sued. O desejo, a religião e a felicidade. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo: relações e discernimentos**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 101-102.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade em que vivemos, entre as várias características existentes, três se destacam: o individualismo, a mercadorização e o consumismo. Nessa ambiência cultural e societária, algumas religiões e diversas igrejas se globalizaram, assumindo um jeito de ser mercantilista e mercadológico. “Assim, um espírito mundial, certamente não santo, obriga as grandes religiões a fazer pactos com o mundo”.⁴⁶

A partir das três características, teologia, ética e privatização religiosa, eixos centrais do texto, as quais podem ser pensadas, analisadas e reconfiguradas pelo prisma da privatização, da individualização narcísica e do individualismo egocêntrico. Nesse aspecto, não há equívoco nenhum em afirmar a faceta mercadorizada e hedonista da religião e da fé, cujo foco é o autoconsumo religioso.

Essa reflexão e essa compreensão são importantes para entendermos a época em que vivemos com seus desafios e mutabilidades apressadas e velozes. São importantes também para que tenhamos uma visão mais ampla do que está acontecendo no campo religioso, especialmente nas esferas da fé e da prática religiosa. “O quadro se nos afigura como caótico, desordenado, anárquico até, com a multiplicação de ‘microempresas religiosas’ (Eu & Deus Ltda)”⁴⁷

No contexto da sociedade e da ambiência religiosa em vi-
gência, nosso jeito de ser, pensar, sentir, viver e se comportar
são fortemente influenciados por dois amplos processos: a) pela
cultura individualista, consumista, midiática e mercadológica
alicerçada em objetos, produtos e mercadorias, em que prevalece
a pouca duração, o descarte e o desperdício; b) pela filosofia
pós-moderna que se baseia muito mais no relativismo, na estética
e na “transcendência imediatista” do aqui e agora, do que na

46 PACE, 1997, p. 39.

47 CAVALCANTI, 2001, p. 19.

metafísica e na ética, priorizando o que é efêmero, hedonístico, privatizado e virtualizado.

Nessa sociedade, a lógica capitalista e o modelo econômico-produtivo ditam as condições materiais de nossa existência em suas variadas dimensões: a biológica, a de sobrevivência, a social, política, profissional e a simbólico-cultural. Todas essas dimensões pressupõem a ação humana no mundo e a transformação da natureza pelo trabalho, visando a produção de bens, objetos e produtos úteis ao desejo e ao prazer do indivíduo consumidor-consumista.

Diante disso, podemos perguntar: com este *modus vivendi* social e cultural, qual é o papel da teologia? Como fica o cidadão? E a ética e a religião, que lugar terão e como serão vivenciadas na sociedade?

O papel da teologia, por um lado, é o de anunciar o Reino de Deus e de apontar a esperança, apesar do reducionismo consumista e mercadológico que toma conta da religião e das igrejas. Por outro, o seu papel diz respeito ao que fazer-teológico, que deve ser uma reflexão sobre a vida, a existência humana, sociedade, igreja, fé e o jeito de viver de homens e mulheres, confrontando-os com o Reino de Deus e com o Senhor desse Reino. Em Moltmann, a teologia não deseja apenas compreender diversamente o mundo, mas modificá-lo e transformá-lo pela prática e pela luz do evangelho.⁴⁸

O papel da teologia é o de nos provocar a termos projetos que contemplem o ser humano todo e todo ser humano; projetos que nos façam sair do individualismo exagerado, do enclausuramento eclesial-institucional e de nós mesmos, para irmos em direção ao outro. O papel da teologia é o de nos ensinar a viver e não somente sobreviver e consumir, pois “...vive-se muito

48 MOLTSMANN. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 22-24.

mal sem razão, vive-se muito mal sem paixão”.⁴⁹

Destaca-se a importância da teologia do Reino de Deus para a sustentabilidade da vida e da sociedade. Com essa teologia aprendemos a amar, a termos esperança e a andarmos em fé, acreditando sempre que é possível evitar o modo narcísico de “levar” a vida e de viver. A teologia do Reino nos orienta a dizermos não ao que é contrário e desfavorável à vida. A teologia do Reino nos estimula e nos impulsiona negarmos o que se opõe à vida e a recusarmos tudo aquilo que é anti-vida.

No que tange ao cidadão⁵⁰, conceito político de maior importância em nossa sociedade, é cada vez mais forte a interação entre cidadania, consumo e consumismo. O valor e o lugar do cidadão dependem da sua condição de consumidor. Ser consumidor, de acordo com Sanchez, ultrapassa o ser cidadão, pois a inclusão na sociedade, hoje, se faz pelo consumo exagerado e desmedido.⁵¹

E a eticidade, a ética e a religião, nessa sociedade, que lugar terão e como serão vivenciadas? A ética e a religião, de certa forma, são indissociáveis, da mesma forma que são inseparáveis da teologia. Uma alimenta a outra, pois são duas instâncias de diálogo com a vida, os valores (*axiós*) e a felicidade. Mas, na sociedade contemporânea, que é organizada a partir do cidadão e da cidadania individualista-consumista, há uma reviravolta radical. Ou seja, a vida, os valores, e o principal objetivo da ética e da religião, que é a felicidade, passam a ter um caráter utilitarista, tanto quanto mercantilista, mercadorizado e consumista.

Na sociedade capitalista, seja pela ética do mercado, seja pela via da cidadania política ou pela “cidadania “celestial”, os

49 MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2015, p. 37.

50 Politicamente o conceito de cidadão é indissociável da ideia de cidadania e da vivência cidadã em nossa sociedade. Essa relação e essa vivência foram asseguradas na Constituição Federal Brasileira de 1988, que inseriu a Cidadania no título dos princípios fundamentais que rege todos os nossos direitos.

51 SANCHEZ, Wagner Lopes. Espiritualidade do consumidor. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 109.

cidadãos e os “fieis” religiosos foram reduzidos ao *status* de mero consumidores. Com o imperativo dessa ética e desse jeito de crer, o que antes garantia a morada do ser, a felicidade e o sentido da vida, nos dias de nossa contemporaneidade, alimenta-se do vazio e do desejo insaciável do ter e do consumir.

Diante desse quadro e à luz deste *modus vivendi e credendi*, torna-se necessário repensarmos a teologia, a ética e a religião, e ainda a interação delas com a sociedade e o mercado. Resgatar sentido originário destas instâncias é fundamental, até porque precisamos minimizar os efeitos nefastos e até destrutivos capitalismo, do individualismo, do egoísmo, da avareza e do consumismo em cada um de nós, na sociedade e em todo o planeta.

Mas, isso só será possível, se a ética e a religião, alinhadas à teologia, utilizarem com sabedoria, prudência, vigilância e sensatez, aquilo que lhes é mais peculiar: o diálogo. Nesse sentido, dever-se-á ter um diálogo franco, sincero e profundo com o texto bíblico e a teologia do Reino de Deus, que são o fundamento de nossa fé, espiritualidade e práxis transformadora.

Nesse aspecto, é preciso afirmar: Jesus Cristo e o Reino de Deus são nossos paradigmas; Jesus Cristo é o caminho e a caminhada para enfrentarmos a lógica desumanizadora do capitalismo, do mercado, do individualismo e do consumismo. Portanto, tendo por base a cristologia e teologia do Reino de Deus, podemos asseverar e alegar: essa lógica faz parte de um sistema que se alicerça no pecado.

Diferentemente dessa lógica e desse sistema, estão os valores e os princípios do Reino de Deus, conforme ensinados por Jesus. Assim, o Reino de Deus é a referência para o discernimento, a sabedoria existencial e a vida coletiva e comunitária. É referência também para a criação de uma nova maneira de viver na sociedade e no mundo.

Jesus Cristo, o Filho de Deus e o Reino de Deus, com a ajuda do Espírito Santo, devem fazer parte da nossa caminhada

cotidiana, pois no Filho, encontramos vida e liberdade, e no Reino, libertação e comissionamento. Nesse sentido, é com Deus e a partir de Deus, e seu amor incondicional, e de uma teologia, de uma ética e de uma religiosidade humanizadoras, solidárias e libertadoras que o ser prevalecerá sobre o ter. Afinal, é uma teologia, uma ética e uma religiosidade fundamentadas na Bíblia que nos orientam a não trocar o essencial pelo acessório, o ser pelo ter, o ético pelo estético, a vida pelo que é anti-vida.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. O desejo, a religião e a felicidade. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo: Vida Nova, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**: arte e comunicação. Lisboa: Edições 70, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo**: desafios a uma fé engajada. Viçosa: Ultimato, 2001.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica.

lógica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FEITOSA, Darlyson. A autoridade do texto bíblico e a privatização da religião: implicações na perspectiva urbana. In: **Fragmentos de cultura**. Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas. PUC-Go, Goiânia, v. 19, n. 1/2, p. 147-159, jan./fev. 2009.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Vulnerabilidade pós-moderna e cristianismo**. Aparecida: Santuário, 2017.

FERRY, Luc. **O homem Deus ou o sentido da vida**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

GRANDER, E. **The last conceptual revolution**: a critique of Richard Rorty's Political Philosophy. New York: State University of New York Press, 1998.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: **Um outro olhar. Revista de debates do vereador Arnald Godoy (PT)**. Ano V, N°4, Belo Horizonte, novembro de 2007.

LIPOVESTKY, Gilles. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

LIPOVESTKY, Gilles. **Império do efêmero**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2009.

LIPOVESTKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

MOLTMANN. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

MANNHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: Edipro, 2015.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, José J. O consumo e a dinâmica do efêmero. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012.

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno**: a luta contra o vazio. Curitiba: Chain, 2013.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Espiritualidade do consumidor. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio. **Religião e consumo**: relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCHWERINER, Mário E. René. **O consumismo e a dimensão espiritual das marcas**: uma análise crítica. São Bernardo do Campo, 2008. Tese (Doutorado - Universidade Metodista de São

Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião).

SILVA, Eliane Moura da. Introdução – Religião: da fenomenologia à história. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira. (Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SOUZA, José Neivaldo de. O essencial e o supérfluo na perspectiva de Lucas 7,38-50. In: **Teocomunicação**. Revista da Teologia da PUCRS. Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 65-73, janeiro-junho 2017.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: sentimentos e opiniões – de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Vol. 2.

TROELTSCH, Ernst. **Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen**: Der Protestantismus. Michigan: Scientia, 1961.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional